



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MÁRCIO CHAGAS DA SILVA

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-557

Entrevistado: Márcio Chagas da Silva

Nascimento: 05/07/1976

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadora: Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 05/06/2015

Transcrição: Thayná Lima Fagundes

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 52 minutos e 56 segundos

Páginas Digitadas: 19 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Contato com o futebol; formação; Vivência como atleta de diferentes modalidades; Formação em Educação Física; Inserção na arbitragem de futebol; Arbitragem no Rio Grande do Sul; Destaques na carreira de árbitro; Dificuldades na carreira; Jogos mais importantes na carreira; Episódio de racismo; Denúncia contra o racismo no futebol; Finalização da carreira como árbitro; Atuação como comentarista de arbitragem; Profissionalização do árbitro; Impacto da decisão de encerrar a carreira.

Porto Alegre, 5 de junho de 2015, entrevista com Márcio Chagas da Silva a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras, para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. - Márcio, eu queria te agradecer pela disponibilidade de vir até aqui nos dar essa entrevista e eu gostaria que tu iniciasses contando como foi a tua inserção no esporte, teus primeiros contatos com o esporte.

M.S. – Meu primeiro contato com o esporte aconteceu em 1984. Eu comecei a fazer judô lá no CETE¹, com o professor Fernando Lemos² e o professor Antônio³, nisso eu tinha sete para oito anos e foi uma forma dos meus pais colocarem eu e meu irmão a iniciar alguma atividade física, em função da ociosidade. Então, para que nós não ficássemos sem fazer nada em casa durante um bom período, porque a gente tinha aula só à tarde, o meu pai preocupado com essa ociosidade, colocou eu e o meu irmão para fazermos judô. Nós íamos juntos e praticávamos duas vezes por semana. Foi o primeiro contato com o esporte direto, óbvio que eu já acompanhava meu pai em função dele ter sido dirigente do Grêmio⁴ na década de 1970, 1980, no futsal, quer dizer, futebol de salão; hoje futsal, mas o primeiro contato com o esporte direto foi com o judô.

P.J. – E o teu primeiro contato, propriamente com o futebol, claro, além do teu pai que tu já comentaste como tu começaste a olhar para o futebol como uma prática ou uma profissão?

M.S. – Ah, eu sempre gostei, desde criança. Acho que todo brasileiro gosta do futebol, até um eterno sonhador em querer jogar. Eu sempre gostei de futebol, peguei uma década, acho eu, no meu entendimento, uma década dourada do futebol porque tinham equipes fabulosas na década de 1980. E eu era fã assíduo do Zico⁵. Para mim foi o melhor jogador que eu vi jogar de todos os tempos e eu gostava de jogar futebol no colégio, nunca tentei ser jogador de futebol, até porque eu acho que eu entendia um pouco das minhas limitações

¹ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

² Fernando Machado Lemos.

³ Nome sujeito a confirmação

⁴ Grêmio Football Porto Alegrense

⁵ Arthur Antunes Coimbra

físicas, porque eu era muito gordo quando pequeno, mas gostava de bater uma bolinha no colégio e com os amigos na rua.

P.J. – E tu és formado em Educação Física?

M.S. – Isso!

P.J. – O que te levou a optar por esse curso?

M.S. – O fato de gostar de esportes e, eu acredito muito também... Acredito não, eu, pela identificação com um professor de Educação Física que eu tive na minha infância, que foi o professor Jurandir⁶ que eu nem sei onde anda atualmente, a última vez que eu soube me disseram que ele andava trabalhando com o futsal, eu não me lembro em qual país da Ásia. Esse professor, ele era um cara super disciplinador, cobrava o máximo possível da gente nas aulas de Educação Física, nas equipes que ele montava para disputar as competições escolares, e eu acredito que o fato de eu ter seguido a área da Educação Física foi muito em função do exemplo que ele me deu.

P.J. – Chegaste a ser atleta de alguma modalidade?

M.S. – Fui atleta de basquete, fui atleta de judô, aí do judô eu fui para o futebol de salão, no Teresópolis Tênis Clube e depois eu fui para SOGIPA⁷ e fiquei durante dez anos nas equipes de basquete da SOGIPA. Integrei equipes de competição depois, nesse período também, seleções gaúchas universitárias, e na Unisinos⁸, onde eu encerrei meu ciclo como atleta.

P.J. – Bom, a partir desse ponto, em que momento tu optou por seguir esse caminho, o da arbitragem?

⁶ Nome sujeito a confirmação

⁷ Sociedade de Ginástica Porto Alegre

⁸ Universidade do Vale do Rio dos Sinos

M.S. – Eu tinha alguns amigos, na época de colégio, que tinham feito o curso e vi uma possibilidade de rentabilidade, já que somente dando aula, fazendo estágio, trabalhando em academia não tinha uma rentabilidade suficiente, e através do futebol, que a gente sabe que gira bastante dinheiro. Mesmo sendo contra algumas taxas de arbitragem que são pequenas, dá uma rentabilidade diferenciada das outras modalidades, então, por gostar de futebol, acreditando também nessa possibilidade de ter uma renda melhor, eu me dirigi para a arbitragem no futebol.

P.J. – E teve alguém que influenciou na tua carreira, claro, além dos teus amigos que tu já comentaste ou o teu pai, alguém que tu tinhas como exemplo?

M.S. – Não, meu pai não teve, eu não tive a sorte do meu pai estar presente nesse período, de repente se meu pai fosse presente eu nem tivesse seguido esse caminho, até pela ligação que ele tinha com o Grêmio, e que veio à tona anos depois. Mas não, tive incentivo do meu tio, que foi um jogador de futebol na década de 1960, 1970 que me incentivou a fazer o curso e até buscou através de amigos dele algumas possibilidades pra eu começar a apitar fora da Federação⁹, para pegar experiência, mas não tive ninguém ligado a minha família diretamente no futebol que me incentivasse por ter passado por essa experiência como árbitro anteriormente.

P.J. – E como era a situação da arbitragem nessa época no Rio Grande do Sul? Tu tinhas alguma referência em relação à televisão, mídia esportiva na época?

M.S. – Nada. Eu nunca tinha apitado, observava os jogos e tal, mas eu não tinha experiência alguma com arbitragem. Foi bem difícil o início porque, eu jogava basquete e fui me meter a apitar futebol. A parte de deslocamento, de condicionamento físico é completamente diferente, mas fui observando para poder aprender, essa foi a grande mudança para mim para poder me adaptar a arbitragem de futebol.

P.J. – Como havias comentado anteriormente tu adentrou no campo da arbitragem pela questão financeira e em que momento tu decidiu investir de fato na carreira de árbitro?

⁹ Federação Gaúcha de Futebol.

M.S. – Na realidade eu fiquei tratando a arbitragem paralela aos meus trabalhos até 2011. Eu trabalhava em três lugares e ainda tinha mais a arbitragem que já me dava uma rentabilidade bem maior que esses três lugares mas eu não tinha certeza. Trabalhei no Grêmio Náutico União durante dez anos, na Prefeitura de Esteio também, durante dez anos e no Colégio La Salle Santo Antônio. Eu tentava conciliar só que chegou um determinado momento que não tinha mais como conciliar a arbitragem com esses trabalhos porque quando eu comecei a sair bastante nos jogos nacionais, os jogos normalmente acontecem nas quartas, tem que viajar na terça, apita na quarta, volta na quinta. Não tem trabalho que segure, e por mais parceiro que seja o chefe, até o ambiente de trabalho também não fica um ambiente legal, porque parece que de determinada forma é um benefício para um funcionário em detrimento a todo o sistema que acontece dentro do regime escolar. Foi então que, em 2011, vendo que eu teria a possibilidade de chegar no quadro internacional, eu optei por sair e me exonerar da Prefeitura de Esteio. Eu já tinha saído um ano antes do Grêmio Náutico União, e tinha optado por ficar quarenta horas dando aula só que eu não consegui mais, e acabei me direcionando somente para a arbitragem.

P.J. – Na década de 1990, a gente tinha muitas mulheres arbitrando. Quando tu fizeste o curso, tu lembrás se tinha alguma mulher fazendo o curso aqui no Rio Grande do Sul?

M.S. – Não árbitras, mas assistentes sim. Eu trabalhei com duas assistentes, a Jaqueline¹⁰ e a Sônia Marina¹¹. Na minha turma em 1999, que o curso foi em Santa Maria, tinham duas mulheres: a Rosimere Lemos¹², que não faz mais parte do quadro e a Andréia¹³ que só fez o curso por fazer, ela não chegou a atuar. Depois teve uma lacuna muito grande de curso, foi em 1999, depois só foi ter curso em 2006. Em 2006, eu acho que teve duas meninas, uma foi a Tatiana¹⁴, que chegou ao quadro da FIFA, mas infelizmente, em 2013 ela teve um AVC¹⁵ e acabou se retirando da arbitragem, ela trabalhou até o Gauchão do ano passado, 2014, mas não aguentou mais porque é uma exigência muito grande. E tinha na

¹⁰ Jaqueline Thomaz da Silva.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Tatiana Jacques de Freitas.

¹⁵ Acidente Vascular Cerebral.

turma dela uma outra moça que era a Márcia¹⁶, que eu acho que arbitrou durante um ano só e também abandonou. A exigência para os homens já é muito forte, para as mulheres é maior ainda, então em função de ser um esporte machista, é muito mais difícil para as mulheres se manterem.

P.J. – E tu comentaste agora que o futebol é um esporte machista. Como tu avalia a situação das mulheres na arbitragem comparando dos anos 2000, quando tu começaste, para com agora 2015?

M.S. – Não modificou muito, a única diferença que eu vejo é na questão estética. Hoje aparecem muito mais meninas bonitas, algo que até naquele período prevalecia à qualidade. Hoje se vê muito mais a questão estética, parece que os dirigentes ou quem faz o curso já vislumbra: “Olha, essa daqui tem possibilidade de seguir adiante e de repente pode alçar uma carreira fotográfica para conseguir algum trabalho paralelo”. Mas a única diferença que eu vejo é essa, a dificuldade é a mesma e eu acredito que com a implementação dos testes físicos serem mais elaborados a dificuldade é maior ainda.

P.J. – Quais momentos da tua vida como árbitro tu destacarias? Claro, além daquele episódio que vamos comentar um pouquinho depois.

M.S. – Ah, eu tenho vários passos, vários períodos que eu gostaria de lembrar. O início, que foi um início bem difícil, principalmente o primeiro ano de arbitragem que eu queria apitar mas eu tive que ficar um ano inteiro como bandeira, como assistente, porque o gestor da época não simpatizou comigo, era uma questão muito de simpatia e não por qualidade de trabalho, algo que acontece ainda bastante na arbitragem brasileira, a questão de simpatia. De repente eu não gosto de alguém mas porque ele não tem os olhos verdes, ou porque ele não preenche os pré-requisitos que eu estabeleci e gosto de um outro que tem a qualidade técnica muito inferior a esse que eu não gosto. E isso me travou bastante num período que eu já estava meio que pedindo passagem, mas fui persistente porque acreditava bastante no meu trabalho e que fosse haver mudança naquela gestão do comandante que tinha na época. Essa mudança aconteceu em 2004, então levaram cinco anos. Em 1999 fiz

¹⁶ Nome sujeito a confirmação

o curso e em 2004 que teve essa mudança, aquela gestão que assumiu em 2004 me oportunizou, foi uma mudança até inesperada porque mudou essa comissão de arbitragem e eu, em cinco rodadas de campeonato, fazendo como árbitro reserva, na quinta rodada já fui estrear na série A. Apitei pouquíssimas partidas de campeonato amador da Federação, assim como os jogos de juniores, juvenil trabalhei bastante e foi uma mudança significativa para mim. Depois foi a expectativa de poder atuar numa partida da série A do Campeonato Brasileiro que também foi uma demora tremenda, eu entrei no quadro em 2005 e fui conseguir apitar só em 2009. Fiquei na fila durante quatro anos e atualmente alguns árbitros entram num ano e no próprio ano já tem a oportunidade, mas são épocas diferentes. Também tiveram alguns árbitros que eram notoriamente reconhecidos nacionalmente, esses também davam uma travada nos novos, até por suas qualidades e não por atributos, por qualidade mesmo porque os caras eram muito bons. Eram o Carlos Simon¹⁷ e o Leonardo Gaciba, depois veio Leandro Vuaden¹⁸. Surgiu numa nova leva e aí eu era o quarto até ter essa modificação e com a saída do Simon e do Gaciba, depois eu fiquei ali na disputa com o Leandro Vuaden. Então, é um processo que tem que ter muita persistência, tem que ter alguns padrinhos, algo que eu nunca lutei para ter, de repente foi um dos fatores que me travou bastante nesse processo, mas onde eu cheguei eu cheguei por mérito e isso me deixa aliviado.

P.J. – E, além disso, que tu comentaste agora, quais foram as principais dificuldades que tu tiveste durante a tua trajetória?

M.S. – As maiores dificuldades foi conciliar com a questão profissional e acho que muito em, de repente, acreditar somente na questão de qualidade. Não ter sido mais político num meio que exige bastante essa questão do hábito, de ter um aconselhamento de algumas pessoas mais influentes no meio, então, acho que foi o fator preponderante que, de repente, eu não conseguia alçar um voo maior.

P.J. – E tu sentiste alguma dificuldade por estar fora desse eixo Rio-São Paulo, de ascender num período menor ou tu achas que isso não teve influência?

¹⁷ Carlos Eugênio Simon.

¹⁸ Leandro Pedro Vuaden.

M.S. – Ah, teve influência bastante. Se eu estivesse em outro circuito com certeza eu teria uma sorte muito maior. O fato de ter aqui no Rio Grande do Sul, em determinado momento três árbitros do quadro internacional, isso aniquilou qualquer possibilidade de eu conseguir alçar e ter possibilidades de ter uma oportunidade antes do que em outros centros que o pessoal não tem toda essa visibilidade. Então isso me atrapalhou bastante, principalmente no processo de início, depois que eu consegui andar sozinho, eu consegui dar meus passos, mas até então era algo que me travava e muito.

P.J. – E como foi o teu primeiro jogo arbitrando, tu recordas?

M.S. – Recordo. Oficial ou paralelo?

P.J. – Não, o primeiro, primeiro [RISO].

M.S. – O primeiro jogo apitando foi um jogo em na cidade de Três Coroas, em 1999, campeonato amador. Eu estava bem nervoso, eu tinha vinte e dois anos, ara vinte três; era um guri perto dos caras, os caras com uma idade maior do que a minha e foi um desafio porque era um dia chuvoso, campo embarrado e eu tentando passar a impressão para os jogadores que eu já tinha uma certa experiência, algo que eu não tinha. Mas me sai bem para o primeiro desafio, mas foi bem difícil porque comandar, principalmente no futebol amador, com os caras que são mais velhos, são mais cancheiros, é bem mais complicado do que apitar um jogo na Federação Gaúcha.

P.J. – E como foi a tua indicação para o quadro da CBF¹⁹ e, posteriormente, o quadro internacional?

M.S. – Bom, eu fiz um ano muito bom em 2004, foi meu primeiro ano como árbitro nas competições na primeira divisão no Rio Grande do Sul e até fui indicado como árbitro revelação naquele ano junto com o Leandro Vuaden e o Fabrício Corrêa²⁰. Acabou vencendo o Fabrício Corrêa, mas na realidade o árbitro que era revelação naquele ano era eu, porque os outros já vinham apitando a três anos de Campeonato Gaúcho. Eu que estava

¹⁹ Confederação Brasileira de Futebol

²⁰ Fabrício Neves Corrêa.

apitando pela primeira vez, mas foi merecido, o Fabrício estava num excelente momento naquela época e mereceu receber esse prêmio. E aí eu fiz um bom ano em 2004, final do ano teve uma modificação no quadro nacional, alguns árbitros já estavam vencendo a idade dos quarenta e cinco anos e aí teve uma modificação e eu fui um dos cinco indicados. Foram cinco indicações para duas vagas e aí eu me sai bem no teste físico e na prova teórica também. Entrou eu e o Ronaldo dos Santos naquela época. Então, foi a partir de 2004 essa ascensão para entrar no quadro nacional.

P.J. – E qual a experiência mais positiva que tu viveste durante a arbitragem?

M.S. – A experiência mais positiva foi quando eu tive um lance específico de dificuldade o ano passado e eu tive bastante solidariedade por parte de pessoas que eu nem imaginava. Jogadores, alguns dirigentes de clubes que me ligaram, me deram conforto por tudo aquilo que tinha acontecido, então, acho que... Acho não, tenho certeza que o futebol, principalmente a arbitragem e quem joga, é uma passagem e o que a gente tem que levar daquilo ali são as boas relações porque o dinheiro vai acabar [RISO], principalmente para quem não ganha muito, como árbitro de futebol, mas as boas relações não. E as amizades é o que se leva desse esporte todo particular que a gente vê todo o dia o quanto que gira de dinheiro para alguns, não são para muitos.

P.J. – E qual foi o jogo ou o lance mais importante ou o mais marcante da tua carreira?

M.S. – Olha o jogo mais importante na minha carreira foi, eu especifico dois, não, três: o primeiro Grenal, que eu apitei lá em Rivera²¹, em 2011. Tinha toda uma expectativa mas o Inter²² e o Grêmio²³ acabaram levando equipes B, mas o meu apito não poderia ser B, tinha que ser A, porque se fosse B daqui a pouco eu fizesse qualquer tipo de lance emblemático ficaria marcado, não teve nada; O segundo jogo que eu destaco com maior importância foi uma decisão lá em Santa Maria, Inter de Santa Maria²⁴ e Pelotas²⁵, em 2007. Eu vinha numa ascensão só que eu não tinha ainda afirmação, então, eu precisava de uma afirmação

²¹ Cidade do Uruguai

²² Sport Club Internacional

²³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

²⁴ Esporte Clube Internacional.

²⁵ Esporte Clube Pelotas.

e esse jogo foi o divisor de águas para mim, porque foi um jogo decisivo, marcante por ser um jogo pegado, ter expulsões, invasão de campo, entrada de policiamento para dar segurança. Foi um jogo bem emblemático, mas eu estava muito focado e eu sabia que aquele jogo ali, para mim, era o jogo chave. Ou eu vou bem aqui ou eu esqueço a arbitragem! E deu tudo certo naquela tarde, até o fato de conseguir mandar os torcedores que haviam invadido o campo voltar para a arquibancada. E o terceiro jogo que eu guardo com muito carinho na lembrança foi um jogo no Pacaembu²⁶, entre Corinthians²⁷ e Flamengo²⁸, em 2011. Porque no sábado que antecedeu esse jogo eu estava numa preparação, um teste físico para a FIFA²⁹ e eu acabei me machucando no sábado, tive um estiramento e um estiramento bem considerável. Só que tentei dar uma mascarada e eu estava fazendo um tratamento intensivo durante o sábado, domingo, segunda, terça, quarta, o jogo era na quinta, e eu, aos dez minutos, eu percebi que o tratamento não tinha tido a eficácia necessária até porque era uma lesão grave e eu achei que pudesse dar conta. Dei conta do jogo, mas perdi um ano a partir dali, o restante do ano. Aquilo foi no dia 8 de setembro, um dia depois do feriado, tive um aumento na lesão, na outra semana era o teste físico da FIFA. Fiz o jogo, mas na semana depois eu reprovei no teste e conseqüentemente eu perdi o ano por querer dar uma de valente e não explicitar o problema que tinha acontecido. Então são as três situações marcantes que eu vejo na carreira.

P.J. – Teu pai era dirigente do Grêmio, como tu comentou. Tu achas que algum momento isso interferiu na tua carreira, seja através da torcida ou dos próprios clubes e para ti mesmo?

M.S. – Não, eu sempre me preparei para vir à tona essa questão do meu pai ter sido vinculado, ter tido uma vinculação com o Grêmio, ter sido dirigente na época do futebol de salão, depois como conselheiro. Que algum momento isso viria à tona, só que veio à tona justamente num Grenal, em 2011, após as cobranças de penalidade num jogo no Beira Rio³⁰, por um dirigente do próprio Internacional que mencionou do fato de eu ter colocado as cobranças da penalidade do lado onde tinha a torcida do Grêmio e do Inter porque o

²⁶ Estádio do Pacaembu.

²⁷ Sport Club Corinthians Paulista.

²⁸ Clube de Regatas Flamengo.

²⁹ Federação Internacional de Futebol

³⁰ Estádio de Futebol do Sport Club Internacional

coração tinha falado mais alto. E aquilo ali eu achei uma covardia até porque meu pai já havia falecido, naquela época há quatorze anos. E ele poderia muito bem se manifestar contrário à minha postura e não tocar no fato do meu pai ter sido um dirigente na década de 1980, 1990. Mas isso é um fato que é bem marcante dentro do futebol, se buscar históricos de A ou B: “Ah, porque fulano é filho da beltrana que foi colorado e o pai é gremista, porque um dia na infância dele... A gente tem a foto aqui que ele usava a camisa do Grêmio ou do Internacional”, como se isso fosse fator preponderante para o desenvolvimento de uma atividade. Quantos profissionais a gente observa hoje que trabalharam no Grêmio trabalham no Inter ou vice e versa. O que mostra é a competência desse profissional e não o time que em determinado momento ele torceu, mas essa é uma página dentro da arbitragem que eu gostaria de rasgar que foi essa manifestação desse dirigente do Internacional chamado Roberto Sima³¹.

P.J. – Bom, então, a gente teve um episódio que infelizmente aconteceu contigo e teve uma grande repercussão nacional, queria que tu contasses para gente como aconteceu isso e também sobre a tua decisão de expor essa situação.

M.S. – Isso aconteceu no dia 5 de março de 2014, envolvendo as equipes do Esportivo³² e do Veranópolis³³, jogo importante. Duas equipes que naquele momento uma lutava para a classificação da fase de quartas de finais, a outra lutava para não cair pelo [PALAVRA INAUDÍVEL] que era o Esportivo. Cheguei para trabalhar normal com os meus colegas no estádio Montanha dos Vinhedos, estacionei o carro no local destinado a arbitragem, de acesso único e exclusivo do pessoal da arbitragem ou de algum funcionário e dirigente do Esportivo. Ninguém mais tinha acesso ali, e fomos para o jogo, mas antes de começar a partida eu já tinha dito para os meus colegas que eu não iria aquecer em campo porque normalmente ali já havia manifestações racistas, independente do resultado do jogo, pelo simples fato de entrar já tinha manifestações, então, como eu não estava a fim de escutar baboseira eu já nem fui aquecer. Aqueci no vestiário, esperei os dez minutos que antecediam para começar a partida. Subi as escadas e fui para o campo de jogo. No que eu saí do vestiário já começaram as manifestações por parte de um grupo de torcedores de

³¹ Nome sujeito a conformação.

³² Clube Esportivo Bento Gonçalves

³³ Veranópolis Esporte Clube

quinze a vinte, que era um número significativo porque tinha no máximo duzentas, trezentas pessoas no estádio, então, era fácil de escutar as vozes desses manifestantes que começaram aqueles xingamentos de ladrão, nego macaco, nego sujo, ladrão, volta para o circo, volta para a África, e aí brinquei com os meus colegas: “Nem começou o jogo os caras me amam aqui”. E os caras: “Não, deixa de lado, vamos para o jogo”. O jogo começou, o Esportivo saiu ganhando, dois a zero, fechou o primeiro tempo dois a um. Na saída do primeiro tempo novamente essas manifestações: “ladrão, safado, mal intencionado, vai para o circo, nego de merda, não sei o quê”. Fiquei quieto, desci para o vestiário, conversamos sobre o jogo, que estava um jogo aparentemente tranquilo, mas com esse gol do Veranópolis provavelmente o segundo tempo seria um jogo mais tenso. Retornamos para o segundo tempo, esse mesmo, que eu acho que era no mesmo número de pessoas, entre quinze e vinte, continuaram com essas manifestações. Acabado o jogo, o Veranópolis perdeu para o Esportivo, três a dois, não teve absolutamente nada na partida, erro de arbitragem, lance confuso, expulsão, não teve nada, foi um jogo normal, um jogo disputado e não teve absolutamente nada que, de repente, revoltasse esses torcedores. Na saída do vestiário eu parei aproximadamente entre cinco, dez metros desse grupo de torcedores que estavam atrás de uma tela, que continuaram me xingando, me chamando de tudo, e aí eu parei. Me chamou atenção que tinha uma criança junto com um senhor e eu perguntei para ele: “E isso que tu está ensinando para o teu filho?”. E ele: “Vai te fuder, nego filha da puta, macaco, volta para a África”. Aí eu disse: “Uma boa semana para o senhor também”. Desci as escadas, o policiamento estava no meu lado, em momento algum fez menção de prender esses elementos aí, simplesmente negligenciou a situação. Entrei no vestiário, falei para o policiamento que eu ia registrar o que tinha acontecido, e eles observaram a nossa manifestação ali dentro. Tomei banho, abri a porta do vestiário para colocar a minha bolsa no carro e assim que eu dei a volta para chegar na porta do motorista eu me deparei com as portas amassadas a ponta pés, e aí observei em cima do capô do carro tinham duas bananas. Chamei um colega meu, Marcelo Barison e falei para ele: “Olha o que os caras fizeram no meu carro”. Ele ficou quieto, chocado. Só que era uma escuridão e não tinha como tirar as fotos ali. Ele pediu: “O meu, retira um pouco o carro ali para luz para gente poder tira umas fotos, para gente visualizar melhor o que aconteceu aí”. Eu fui dar a partida do carro e engasgou uma, duas, três... Na terceira vez que eu dei a partida caíram duas bananas do cano de escapamento, o próprio Marcelo foi quem se abaixou para juntar as bananas. Aí eu fiquei puto da cara, normal, pela

humilhação, situação que eu estava vivenciando, chamei o meu colega Lucas³⁴, que era o quarto árbitro, pedi para ele bater as fotos do meu carro. Nesse meio tempo estava passando um carro de uma rádio, a Rádio Viva. Eu não sabia da onde era essa rádio, parei eles no estacionamento e pedi para que eles fossem até o meu veículo e vissem o que tinha acontecido. Aí perguntei: “Vocês são da onde?” “A gente é aqui de Bento”. “Então vocês observem o que aconteceu aqui”. Aí eles: “Mas que vergonha, como isso? Quem é que entrou aqui?”. Eu disse: “Não, eu só quero que vocês visualizem o que aconteceu aqui no estacionamento, aqui na garagem privada aqui do clube”. “Mas não pode, isso é uma vergonha”. Beleza! Nesse período, os jogadores do Esportivo que estavam lanchando, saíram desse local, que eu acho que era uma cantina, e foram em direção para ver o que tinha acontecido: “O que foi aí Márcio?” Eu disse: “Olha o que aconteceu aí”. Aí os caras disseram assim: “É uma vergonha, a gente já não gosta nem de jogar aqui quando tem esses jogos decisivos porque os caras, ao invés de nos ajudar, os caras prejudicam, é com xingamento, é com esse tipo de atitude”. Aí eu disse para eles: “Olha, eu só quero que vocês observem o que aconteceu porque amanhã vai estar relatado em súmula. Eu não tenho nada contra o Esportivo mas o fato vai estar narrado em súmula”. Aí um jogador, chamado Adriano Chuva³⁵, me chamou para o lado e falou assim: “Márcio, isso que está acontecendo contigo sempre acontece aqui. A gente vai na rua os caras nos chamam de macaco, de lixo, nego de merda, não sei o que mais”. E eu disse: “Só que hoje acabou, cara, eu não vou engolir esse sapo, eu não tenho vinculação nenhum com o clube, eu vou expor o que aconteceu”. Aí ele disse: “Beleza, estou contigo”. Voltei para Porto Alegre, tentei ir numa Delegacia na rua Cristóvão Colombo e a delegacia estava fechada, o plantão, era quarta feira de cinzas. Aí eu fiquei em casa caminhando o tempo inteiro sem dormir, imaginando o que que eu poderia fazer para explicitar esse fato e eu escrevi um e-mail, encaminhei para o pessoal da imprensa que eu conhecia. Naquele mesmo dia, as dez e meia da manhã... Eu fui dormir era cinco e pouco da manhã. As dez e meia, onze horas que era o horário que eu ia fazer a súmula para encaminhar para a Federação, o pessoal da imprensa começou a me ligar para saber o que tinha acontecido, e aí me pediram as fotos. Eu mandei as fotos, pedi para o Lucas me encaminhar as fotos para eu repassar, e aí a notícia virou regional, depois nacional e internacional. Como se fosse algo que não acontecesse no dia-a-dia de qualquer cidadão comum e que acontece... Só que, geralmente,

³⁴ Nome sujeito a confirmação.

³⁵ Adriano Neves Pereira.

as pessoas têm um medo e um receio de expor a situação porque sofrem uma represália muito grande, daqui a pouco de perder o emprego, de virar motivo de piada no ambiente onde... Só que aquilo ali foi a gota d'água. Eu já tinha passado por outras duas situações em Campeonato Gaúcho antes disso, em 2005, 2006 e aquilo ali para mim foi o fato derradeiro. Agora encerrou, acho que a gente tem que dar um basta, e foi a forma como eu tive de expressar essa covardia que aconteceu comigo porque futuramente eu não quero que meu filho passe por isso e eu não tenho como prever se ele vai passar ou não, mas se por ventura ele passar, que ele tenha hombridade de se manifestar e não aceite de uma forma pacífica.

P.J. – E depois desse episódio tu apitaste mais alguns jogos?

M.S. – Apitei mais quatro partidas. Apitei no domingo Pelotas e São Luís³⁶, depois São Paulo³⁷ de Rio Grande e Cruzeiro³⁸ de Porto Alegre, as quartas de finais envolvendo Brasil de Pelotas³⁹ e Novo Hamburgo⁴⁰ e a final do Campeonato Gaúcho que foi o Grenal.

P.J. – Tu declaraste em uma entrevista que naquele momento tu havias decidido parar de apitar Gaúchão e tu gostarias de continuar no Brasileirão, foi isso? Então, como aconteceu essa, vamos dizer assim, um encerramento da tua carreira. Por que tu decidiste parar de apitar?

M.S. – Parei porque eu sabia que mais cedo ou mais tarde a represália iria vir, até porque eu tinha ido contra o sistema, e no Brasil, eu acho que no geral, todas as pessoas que vão contra determinada linha de pensamento, linha de conduta, essa pessoa não é bem vista porque não seria a forma adequada para esse sistema e, como nesse meio tempo apareceu um convite também da RBS⁴¹ em função de eu ter ganhado durante cinco vezes como melhor árbitro gaúcho para fazer parte do grupo, para ser analista da arbitragem, comentarista, eu pensei com a minha família: “Olha, se eu voltar a apitar, se eu continuar a

³⁶ São Luis Futebol Clube.

³⁷ Sport Club São Paulo.

³⁸ Esporte Clube Cruzeiro.

³⁹ Grêmio Esportivo Brasil.

⁴⁰ Esporte Clube Novo Hamburgo.

⁴¹ Rede Brasil Sul de Televisão.

apitar, eu passar por essa situação de novo vai ser uma questão de tempo, até porque as pessoas são passionais e muitas vezes quando estão na passionalidade são burras. Vai ter esse tipo de manifestação, vai ter esse tipo de provocação, eu vou colocar de novo, explicitar de novo o fato, então, para evitar qualquer tipo de rechaça por alguém eu vou encerrar por aqui. Até por questão de segurança, porque hoje eu reagi dessa forma, de uma forma educada, de uma forma pensativa, daqui a pouco eu posso ter uma reação adversa e, então, para evitar esse tipo de situação eu vou seguir com a arbitragem de uma outra óptica, agora como comentarista. Mas não vou mais trabalhar dentro dos gramados”.

P.J. – E depois do que aconteceu contigo, como é que tu avalias a intervenção da Federação Gaúcha e da própria CBF em relação ao que aconteceu contigo?

M.S. – Olha, da Federação Gaúcha, sinceramente, não teve uma participação positiva como eu esperava, ficou em cima do muro... Colocaram depois no site como se fosse uma campanha, que racismo era falta grave, mas fizeram por fazer. Como a sociedade clamou muito por essa situação, então, se manifestou porque viu a necessidade de não ficar para trás. A CBF fez uma campanha antes de começar o Campeonato Brasileiro do ano passado com relação a essa questão do racismo, somos todos iguais, hoje a gente vai aos estádios e observa as placas e até os árbitros usam nas suas camisetas um escudo com esses dizeres. Mas as campanhas são, no meu entendimento, são pequenas, elas deveriam ter uma ação muito mais eficaz que seria a questão de educação, deveria ter uma participação maior das entidades que administram as competições, usar os atletas para irem nas escolas, para fazerem eventos de promoção a igualdade, tanto na questão do racismo como da homofobia, como na questão dos velhos, como na questão das crianças porque tudo que parece ser diferente gera uma certa polêmica e uma certa manifestação negativa nos estádios. Os estádios hoje parecem terras sem leis, tudo que não se pode no dia-a-dia dentro do campo, dentro do campo não, nas arquibancadas. Pode, xingar, ofender, bater, roubar, quebrar, tudo pode, tudo tem uma desculpa e isso poderia ter um combate maior se as entidades que organizam as competições usassem através dos seus associados, que são os clubes, a imagem dos seus ídolos, os jogadores que representam. Então vamos pegar lá o D’alessandro⁴², que é um ícone e vamos uma vez na semana numa escola fazer uma

⁴² Andres D`Alessandro.

campanha de igualdade, vamos pegar no Grêmio no Marcelo Grohe, que é jogador da seleção brasileira, vamos levar numa praça para pegar a gurizada para ensinar... Isso são ações simples que os ídolos poderiam contribuir, o próprio Pelé⁴³ que nunca se manifesta de forma positiva poderia ter uma contribuição muito maior. O Pelé é um ídolo, não tem como tirar esse título dele, mas, é uma pessoa que nunca se manifestou contra a questão do racismo, porque a situação dele sempre foi benéfica porque nunca foi atingido, mas ele é um numa gama muito maior do brasileiro normal, do Seu João, da Dona Maria, então, poderia ter tido uma ação muito mais positiva por parte dele nesse sentido de combate ao racismo.

P.J. – Na época, o TJD⁴⁴ voltou atrás na decisão que punia o Esportivo. De que maneira tu enxergou isso, foi um acordo entre vocês?

M.S. – Eu acredito que o clamor da imprensa e da sociedade fez com que o TJD tivesse uma ação, tivesse feito um novo julgamento porque se não iria ficar naquela punição branda que a gente viu de cinco perdas de mando de campo, sendo que o campeonato faltava uma rodada para o Esportivo jogar. Um pagamento de trinta mil reais que seriam destinados a Federação Gaúcha e não para mim e, se eu não me engano, era isso aí a punição do clube, que momento algum se manifestou interessado em ver quem eram as pessoas envolvidas e entregar, simplesmente. E ainda colocaram em dúvida a minha palavra porque um dos vices de futebol do Esportivo ainda entrou com uma ocorrência policial na sexta-feira dizendo que eu havia plantado as fotos para denegrir a imagem do clube, como se aquilo ali não tivesse acontecido.

P.J. – Tu falaste agora que as punições são muito brandas. Tu acha que se as punições fossem mais rígidas, esses casos diminuiriam um pouco dentro futebol? Tivemos como exemplo o caso do Aranha⁴⁵ que repercutiu de grande forma assim como o teu. Tu acreditas que essas punições mais pesadas acabariam inibindo essas manifestações?

⁴³ Edson Arantes do Nascimento.

⁴⁴ Tribunal de Justiça Desportiva.

⁴⁵ Referência as ofensas dirigidas ao goleiro do Santos, Aranha (Márcio Lúcio Duarte Costa), no Estádio Olímpico em Porto Alegre em agosto de 2014 num jogo contra o Grêmio.

M.S. – A gente falando na estância futebol, eu acredito que sim, que na realidade toda a punição deveria ser mais severa no nosso país. A impunidade faz com que aconteça esse tipo de situação. A gente escuta diretamente os discursos de que: “Não vai dar nada”. Então isso motiva as pessoas a fazer esse tipo de manifestação, a roubarem, a matarem, a depredar o patrimônio público porque a impunidade, ela é existente no nosso país. Tudo tem um jeitinho, então, sempre se tem manobras dentro do código brasileiro, no código civil, no código do crime, no código do Esportivo, que faça com que essas pessoas não paguem nenhum tipo de punição. Então punições severas, independentes do clube, se é um clube de primeira, se é um clube de terceira, tem que ser da mesma forma, independente da...

P.J. – Então tu falaste um pouquinho da RBS, como que veio esse convite para ser comentarista de arbitragem?

M.S. – Veio através do diretor de jornalismo do grupo RBS, César Freitas, que assim que soube, de repente... Com o término do Campeonato Gaúcho ele me ligou para saber se eu pretendia continuar apitando. Eu disse que eu estava num momento de reflexão junto com a minha família, e aí marcou uma reunião para que a gente conversasse. Me fez uma proposta boa porque dentro da arbitragem é legal a questão de rentabilidade de fazer o jogo, ganhar o cachê, a taxa pós-jogo, só que é por um determinado período, e eu não tenho garantia alguma, eu não tenho. Como árbitro eu não tinha plano de saúde, quer dizer, eu tinha porque eu pagava, mas sendo árbitro eu não tenho plano de saúde, décimo terceiro, férias, não tenho benefício algum, e teria a possibilidade de ter tudo isso através da empresa. E pelo fato do desgaste também que já tinha acontecido durante a competição de 2014, eu achei que o meu ciclo tinha encerrado, eu não almejaria mais chegar no quadro internacional pela questão de idade, porque tem até os trinta e sete anos para entrar. Eu ia fazer trinta e oito anos, não teria mais a possibilidade e esse era o meu grande objetivo dentro da arbitragem: entrar no quadro internacional da FIFA, participar de competições internacionais, como Libertadores⁴⁶, Sul-Americana⁴⁷, vislumbrar uma Copa do Mundo. Então não tendo mais essa possibilidade eu resolvi, junto com a minha família, encerrar o ciclo.

⁴⁶ Copa Libertadores da América.

⁴⁷ Copa Sul-Americana.

P.J. – Tu falaste dessa questão da profissionalização do árbitro, então, tu acreditas que isso é uma luta ou não se tem essa discussão dentro da Federação?

M.S. – É uma luta dos árbitros, mas os árbitros são muito inertes também. Eles não têm acho que noção do poder que eles exercem dentro desse mundo do futebol, então, o fato de não ser profissionalizado até hoje tem muito da contribuição na inércia do árbitro em não se manifestar, em não paralisar de repente uma competição querendo que seja feito algo que seja benefício da categoria... O sindicato dos árbitros não tem uma voz ativa forte, isso pesa, que esse quadro continue da forma como acontece, os árbitros lutando, gritando em grupinhos, mas não fortalecidos. Se um árbitro se motivar a paralisar um jogo ou uma competição esse árbitro está fora, vão colocar outro no lugar, então, não tem uma união da categoria para que haja uma modificação. Então é uma categoria que infelizmente é desunida, cada um por si, e enquanto não tiver algo via governo que mobilize, facilite essa questão da profissionalização não vai acontecer modificação dessa situação que hoje os árbitros vivem.

P.J. – O árbitro é muito criticado dentro de campo e conseqüentemente está também sujeito a erros. Como é para você atuar, estar lá dentro do campo apitando, e agora analisando e comentando a arbitragem de pessoas que eram teus colegas?

M.S. – Eu vejo como bem tranquilo, até porque muitos erros que acontecem eu cometi também. Então eu não posso simplesmente me achar numa zona de conforto por ter uma imagem que me beneficie o recurso de *replays* que facilitem a minha decisão, mas sim me colocar na posição dos árbitros, o porquê aconteceu determinado equívoco ou determinado acerto. Muitas situações acontecem pelo mau posicionamento, pela informação dada de forma equivocada pelo assistente ou da própria marcação equivocada do árbitro. E eu consigo ter esse olhar de árbitro por ter sido praticante daquela atividade durante quinze anos, então, eu não tenho melindre algum de comentar jogos dos meus ex-colegas porque eu também tomei pancada de comentarista antes de ter virado um comentarista atual de arbitragem hoje.

P.J. – Teve algum erro que tu cometeste e na hora te deste conta que tinha errado?

M.S. – Vários [RISOS]. A sensação quando se comete um erro dentro do campo, a sensação com os jogadores ela é imediata na reação, do olhar, do sentimento que se tem com relação até o público, então, eu tenho um erro marcante numa partida da Copa do Brasil em 2002. Eu ia marcar um recuo de bola, o jogo era Atlético Mineiro⁴⁸ e Goiás⁴⁹ ... O recuo de bola com braço quando na realidade foi como peito, eu ia inverter, inverter não, mas aí eu tive o auxílio de um assistente, foi o Altemir Hausmann, que fez com que eu tomasse a decisão correta. Uma vez no Gaúchão em 2005 marquei uma penalidade favorável ao Caxias⁵⁰ contra o Guarani⁵¹, de Venâncio Aires, que depois eu vendo a imagem me deu vontade de me enterrar porque não tinha sido absolutamente nada, e às vezes inversões de faltas que acontecem também durante o jogo que vai ver fazer a autocrítica. Olhando o vídeo eu disse: “Onde é que eu estava com a cabeça para ter marcado determinada coisa?”. Isso é o processo de evolução do árbitro, fazer a autocrítica do seu trabalho, nunca achar que eu sempre estou certo. Não! Assim como o jogador que treina, erra... Imagina eu que tenho um treino muito mais deficitário se eu não vou errar. Eu vou errar muito mais do que esses jogadores porque a atividade da arbitragem, o árbitro e o erro eles caminham paralelo, a tendência para o erro é de 50%, daí o árbitro tem que ter a ciência disso, de que ele vai errar e, muitas vezes, o seu erro pode influenciar numa classificação, num resultado final da partida. Então quanto menos ele errar, quanto mais crítico ele for no seu trabalho mais sucesso ele vai ter.

P.J. – E olhando para o teu passado, qual o significado, qual o impacto que a atitude que tu tiveste quando decidiste encerrar tua carreira tem hoje ou repercutiu no futebol?

M.S. – Olha, eu acho que teve um impacto significativo não só dentro do futebol mas social. Encontrei muitas pessoas que eu não conhecia e não conheço até hoje de rua que, de certa forma, ficaram chocadas com aquilo tudo que aconteceu, emocionados com a forma de como eu me manifestei. E outras pessoas dentro do esporte, dentro do futebol tiveram mais coragem de reagir contra esse tipo de covardia. Parece que faltava alguém para ser o porta-voz no combate a essa manifestação preconceituosa que acontece dentro do futebol,

⁴⁸ Clube Atlético Mineiro.

⁴⁹ Goiás Esporte Clube.

⁵⁰ Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

não só do futebol, mas da nossa sociedade. Mas eu acho que o grande impacto foi o fato de eu ter me manifestado e das pessoas, de uma certa forma, abrirem para debates esse assunto que até então é velado dentro da nossa sociedade: a questão do preconceito racial, preconceito sexual, preconceito de uma forma geral.

P.J. – Tem alguma coisa que a gente não conversou que queira comentar ou compartilhar conosco?

M.S. – Olha, eu acho que a gente abordou muitos assuntos dentro desse quesito, tanto do meu início no meio esportivo como na passagem como árbitro até chegar a comentarista. Eu gostaria que as pessoas que forem ouvir a entrevista, que tenham o sonho de se árbitro, que não deixem o sonho de lado, que sigam e façam história tentando modificar esse quadro que parece tão estagnado na história do futebol, que é exercer a função de árbitro de futebol. De repente novas gerações poderão ter essa atividade como profissional, algo que eu não tive no período que eu fui. E isso para mim é uma frustração tremenda, não ser reconhecido como profissional desse meio, mas desejar boa sorte, agradecer o convite de vocês em poder participar e poder contribuir de certa forma com esse relato e acho que foi bacana.

P.J. – Então, te agradeço mais uma vez e a gente coloca o Centro de Memória do Esporte a disposição naquilo que tu precisares. Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁵¹ Esporte Clube Guarani